

Arrumação de cadeiras no Titanic

Sheila Mullan

Da UPI

Pittsburgh — O pacote financeiro de 82 bilhões de dólares assinado ontem pelo Brasil "não é mais do que uma arrumação de cadeiras no convés do Titanic", advertiu ontem um analista para quem as dívidas externas ainda ameaçam os bancos norte-americanos. "Trata-se de uma decisão essencialmente política", disse o analista Gregory Drahuschak, da Butcher Singer, de Pittsburgh.

"Eles não podem cancelar os empréstimos e não podem forçar o Brasil a liquidar sua dívida. Seria

um desastre completo se todos cancelassem os empréstimos brasileiros e outros empréstimos internacionais de natureza similar. Minha reação geral a isso é que as coisas que estão fazendo no momento nada mais é do que uma arrumação de cadeiras no convés do Titanic".

O Brasil — o maior devedor do mundo entre os países em desenvolvimento — ao assinar o pacote de reestruturação da dívida concordou em pôr fim à moratória nos pagamentos de juros que estava em vigor desde fevereiro de 1987.

Impacto

Pelo acordo o Brasil receberá 5,2 bilhões de dólares de seus cre-

dores, entre eles o Citibank, de Nova Iorque, e o Mellon Bank, de Pittsburgh, a 12ª maior companhia holding bancária do país. Os credores concordaram também em prorrogar os prazos de vencimento da dívida e reduzir as taxas de juros, disse o analista Fred Wightman, da Duff Phelp Inc.

Segundo Wightman, "o impacto mais visível do pacote será sentido dentro de um mês ou dois, quando o Brasil estiver saindo da posição não rentável". No final de junho, o Mellon tinha uma exposição de 318 milhões de dólares em seus empréstimos e investimentos no Brasil.